



# Os Direitos da Criança



PORTE  
PAGO

Quinzenário \* 24 de Fevereiro de 1979 \* Ano XXXV — N.º 912 — Preço 2\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## SETÚBAL

A finalidade da criação de um Ano Internacional da Criança parece-me ser por demais evidente para ser iludida: criar condições para que os Direitos da Criança, pelo menos os elementares, sejam respeitados.

Há que analisar por isso, primeiro que tudo, os casos da violação flagrante dos fundamentais Direitos da Criança.

A preocupação primeira, inadiável, tem de dirigir-se à criança marginalizada ou em vias disso. A esta nenhum direito é respeitado.

Se a esquecermos, por ser difícil a solução, como é norma oficial, e nos debruçarmos sobre outras ignorando aquela — então que se calem todas as vozes. Tudo soará a fantochada!

A Televisão, a Rádio e os jornais trouxeram há tempo, para manchetes de primeira página, o caso de crianças encontradas na Caparica em criminoso estado de abandono. A desnutrição, como a falta de cuidados higiénicos e a ausência de relações afectivas, condenaram as inocentes a um estado de anormalidade irrecuperável.

Veio logo muita lenga-lenga, na Televisão e

nos jornais. Velha lenga-lenga, filha de gente de mentalidade velha: — que é a sociedade que tem a culpa, que são as estruturas, que são os pais, que é isto e mais aquilo. Ninguém pôs o dedo na ferida.

Se os pais da criança não têm capacidade é necessário substituí-los. Mais nada. Acaba tudo. A criança deve ser arrancada dos ambientes que a definham.

Nalgumas nações europeias, qualquer assistente social tem mais autoridade sobre uma criança privada dos direitos fundamentais do que os próprios progenitores.

Nós, até há meses na letra e agora na mentalidade, seguimos ainda o princípio do velho código romano: *partus sequitur ventrem* — o parto é propriedade do ventre que o gerou.

Se uma mãe anormal gera um filho, tem de o criar, seja como for, a não ser que uma alma ou instituição caridosa o socorra, mas mesmo assim pertence-lhe sempre. Se uma prostituta dá à luz uma criança, tem de a trazer atrás de si nem que ela presencie as cenas mais aberrantes. Se um casal de anormais, de doentes, de alcoólicos, de atrasados mentais é prolífero, e é-o muitas vezes, terá de cuidar dos seus filhos, de os alimentar e educar... nem que tenha de fazer milagres!... Eles são seus.

Se é verdade que a recente revisão do Código Civil dá ao Juiz de Menores de cada Tribunal capacidade bastante para inibir da tutela paternal em ca-

Cont. na 4.ª pág.

## Os DIREITOS da CRIANÇA

1 — «Estes direitos devem ser reconhecidos a todas as crianças sem nenhuma excepção e sem distinções ou discriminações fundadas na raça, cor, sexo, língua, religião, opiniões políticas ou outras, origem nacional ou social, fortuna, nascimento, ou sobre qualquer outra situação, que se aplique à própria criança ou à sua família.»

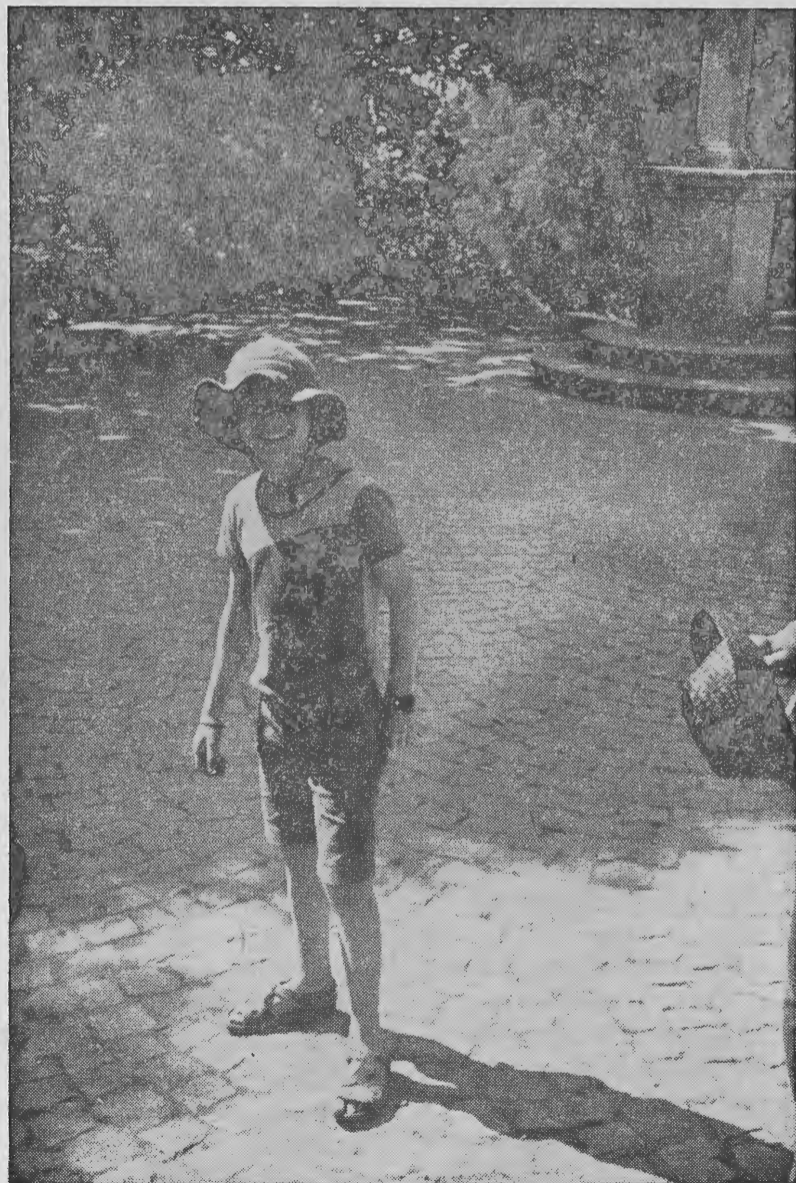
Eis a declaração de princípios com que abre a Declaração dos Direitos da Criança, assinada em 20 de Novembro de 1959.

No princípio Deus fez o Homem. Fê-lo à Sua imagem: deu-lhe um espírito imortal semelhante ao que Ele é. Qualquer que seja a teoria sobre a origem do Homem, quem pode explicar a alma senão a partir de Deus? Pelo corpo viria Ele a tornar-se semelhante ao Homem, para realização do Seu projecto Redentor. Mas foi na alma que Deus assinou a Sua Criatura, aquela para quem são todas as outras criaturas. Por ela é que o Homem Lhe é idêntico. Nesta identidade reside o fundamento do direito do Homem à imortalidade feliz, na participação face-a-face da Vida de Deus para que foi cria-

do. Ora a alma não tem raça (a não ser divina), nem cor nem sexo; a sua linguagem é universal; as ideias, as opiniões, de que ela é o sujeito, são condição de uma inteligência livre. E a origem nacional ou social, fortuna, nascimento, são meros acidentes na vida dos homens. Essencial a sua igualdade fundada na origem comum, no seu comum destino segundo o pensamento Criador de Deus, acrescentado (falo em linguagem temporal) do Seu plano Redentor.

Não sei que outro alicerce mais firme possa encontrar-se para a edificação de um Mundo de homens iguais do que a coincidência na origem e no fim de todos eles! Qual dos car-

Cont. na 4.ª pág.



Era o «Batalhão», figura típica da nossa comunidade de Paço de Sousa. Hoje... anda por lá!

## Crianças Deficientes Mentais

Se afirmar que uma criança é deficiente mental é apontar para algo que lhe é intrínseco, que se situa no seu interior, afirmar que essa mesma criança é carecida de afecto é apontar para algo que lhe é externo e se encontra na pessoa dos outros. E deste modo podemos concluir que esta criança é duplamente afectada.

Mas, se as crianças deficientes mentais não têm capacidade intelectual como a maioria dos seus semelhantes, outrotanto não se poderá dizer quanto ao afecto. Eu diria até que elas são mais afectivas do que o comum, talvez por uma lei de

compensação. Simplesmente a sociedade não corresponde ao que nelas está latente, porque o ignora ou o não sabe descobrir. Daí o dizer-se que há crianças carecidas de afecto. E não são poucas. Penso até que são a maioria delas, embora umas o sejam mais do que outras. Tenho vivido com estas últimas há cerca de 24 anos. Da experiência cheguei a algumas conclusões, certamente demasiado simples (mas talvez por muitos andarem em busca de soluções rebuscadas percam tempo e proveito).

Para integrarmos o deficiente mental, sobretudo o carecido de afecto, no nosso

mundo, é preciso primeiramente que nos integremos no seu mundo particular.

Ora, normalmente aparecemos-lhe como alguém que o quer ajudar, amparar, assistir, educar, inserir na sociedade. Este processo, embora bem intencionado, coloca-o numa situação de dependência, de inferioridade que, porventura, o magoa. É que ele não quer ser assistido, julgado menor. Ele quer exprimir-se, dizer; ele quer colaborar e executar tarefas, fazer. Em suma: ele quer ser e agir.

Portanto, só colocando-nos

Cont. na 3.ª pág.

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Setúbal

**ANIVERSARIO** — Eu estava na zona da cozinha num biscato. Vem um ter comigo com um bolo partido aos bocadinhos. «Tire. É o Modesto que faz anos.» E eu tirei e comi à saúde do Modesto. Depois fui dar-lhe os parabéns e soube da boca sorridente dele que fazia nove anos. Numa Família tão numerosa como a nossa, veja lá quanto de guloseimas é preciso para festejar tantos aniversários. E é gosto das Mães da nossa Casa festejá-los todos.

**OVELHAS** — Eu passava. O nosso rebanho de ovelhas ia a caminho da pastagem. Entre os dois pequenos pastores, um era o Porfírio. Vinha com um borreguinho muito encostado ao seu colo, qual mãe aconchegando um recém-nascido.

Tu não sabes quem é o Porfírio. Nós sabemos. Sabemos e gostaríamos que tu soubesses do seu atraso intelectual mais de onde foi gerado. O seu gesto «maternal» para o cordeirinho fala-nos das transformações lentas, mas possíveis em tantos que andam por lá... marginalizados por via duma sociedade que só sabe conjugar os verbos na primeira pessoa do singular. O nosso pecado é o «eu».

**ESPINHOS** — Ele está quase a fazer dezoito anos. O jeito de mexer no alheio tem-no levado a cometer várias peripécias. Várias vezes tem prometido não tornar a fazer. Noutro dia pegou no dinheiro que os vendedores de O GAIATO tinham angariado. Ele sabe o que causa a sua tentação. Ele sabe onde o pode levar o seu defeito. Conhece bem a vida quem leva dois dos seus companheiros que fugiram e andam por lá, entrando e saindo das dependências judiciais. Conhece ele e conhecemos nós. Pomos aqui algo de espinhos por via de saberes que nem tudo cá em Casa é poesia e rosas...

**MENDICIDADE** — Eu tenho ido muitas vezes meter-me nas carreiras à estação rodoviária. Quase sempre encontro e reparo num homem cego que entra e sai nesta e naquela. Um rapaz — não é sempre o mesmo — pede: — «Dê alguma coisa para o ceguinho». Dizia eu que o acompanhante não é sempre o mesmo, prova de que existem vários que são contrariados. Pelo que vejo, a esmola da pedrinha é um facto, «proibindo» estas crianças de se instruírem nas letras e no trabalho. Pobreza? Se fosse isto eu não te diria que estes rapazes, agora pedintes de profissão, podem ser amanhã habitantes de prisões. As famílias deles não dão fé. Nós que alcançamos, fechamos os olhos... E aquilo que poderia ser pão é somente «estorvo».

**«BRECHAS»** — Carlitos é o mais novo de três irmãos algarvios. Hoje tocava p'ra escola depois do recreio do almoço. «Macaquinho» — assim lhe chamam — era conduzido por outro. Este agarrava-lhe a cabeça com uma mão, enquanto que a outra lhe segurava a testa com um lenço. Vi aquela cena e fui, atrás deles adivinhando do que se tratava. O caminho foi a rouparia. Não me enganei: uma

das senhoras que procuram ser as mães deles, tirava o improvisado penso e barafustava. O sinistrado não dizia nada, mas o que o socorreu disse o que tinha acontecido: foi o irmão mais velho do Carlitos que o empurrou e abriu-se uma brecha na testa. Olhei a ferida mai-los protagonistas a caminho do consultório e segui o meu caminho pensando noutras «brechas» que o mundo das guerras cava em semelhantes. Os noticiários mostram o homem a matar outro homem, à procura duma grandeza ilusória. É o derrubar aquele para empoleirar outro. Não importa a desgraça do outro contanto que «eu» vença. É o dia-a-dia do mundo. É o esquecimento ou a ignorância da humildade. É o tapar os olhos e não querer ver o valor dos que têm mais capacidade e mais dons.

Aqui tens o que os nossos rapazes nos inspiram, tantas vezes nos dizem e ensinam no dia-a-dia das Casas do Gaiato.

**AMBIENTES** — Tem feito frio. Nós temos fogões de sala nas escolas, no refeitório e na sala dos mais velhos. Eu tenho passado pelo refeitório e sinto-me regalado em vê-los de roda do calor do brasido. Os mais pequenos é ali ao pé que rezam o Terço e comem. A mesa deles fica ali à beira. Ontem passei enquanto o Terço se rezava. À volta da lareira estavam os «Batatas» mai-las mães. Nós queremos que eles sintam este calor mai-lo bafo que, de onde vieram, não tinham. O ambiente que eles precisavam junto das próprias mães, esse tem-lhes sido negado por uma sociedade que só vê progresso em escalas altas e não desce até à simplicidade dos que buscam o bafo da mãe e o calor duma lareira.

Os nossos pecados!... Algumas vítimas deles temo-las nós. E os outros que andam por lá?! Ele fala-se hoje muito no Ano Internacional da Criança. Ora nós acreditamos na boa fé de quem propõe o dia e o ano dela, mas digo-te que o cerne está na família. Na barraca e noutros lugares de relaxes sociais não há ambiente; a educação precária vai de avós p'ra netos. É a lama que muitos de nós tantas vezes queremos esconder e engodar, mas que salta sempre aos olhos de quem quer enxergar. Famílias atrofiadas pelo ambiente onde vivem e pela educação que levaram. Não podemos fazer pão sem farinha!

**ZELO** — O Rui, de Vila Nova de Gaia, veio ter comigo para ir aos galinheiros. Desconfiava que andavam a roubar-nos as galinhas. Era noite. Chamei outro e fomos... Eles zelam o que é deles!

Ernesto Pinto

## Paço de Sousa

**ACTIVIDADES DESPORTIVAS** — Apesar da chuva, os treinos de atletismo e futebol continuam. É nos tempos livres que se realizam, especialmente ao domingo.

Apesar da falta de sapatilhas, os nossos atletas, com os pés descalços ou com sapatilhas rotas, não desanimam. Fazem os seus treinos dominicais. E que treinos!

Quartas-feiras são dias obrigatórios de ginástica, desde o mais pequeno ao mais velho. Todos fazem ginástica.

O Álvaro é o orientador neste campo, bem como o responsável pela secção do Desporto da nossa Casa. Tudo tem de ter um responsável!

Entretanto, voltemos novamente ao assunto de que temos andado a falar.

Precisamos de sapatilhas, bem como calções e meias, para os treinos.

O apelo aos desportistas que tenham, em casa, deste material encostado por não terem onde usá-lo, que no-lo mandem, porque a nós faz-nos imensa falta.

Os Amigos do Porto podem entregar no Espelho da Moda ou no nosso Lar, Rua D. João IV, 682.

Esperamos a vossa ajuda!

**CARAS NOVAS** — Temos conhecido um miúdo de 2 anos, muito engraçado, que tem cá um irmão, o Carlos. São ambos de Sintra.

Quando estamos no Terço, não quer estar com mais ninguém a não ser com o irmão de quem é muito amigo. Não é de admirar, ele veio há pouco tempo e os outros para ele são desconhecidos. Mas, no Terço, ele só pensa em brincar com o irmão e fica muito admirado ao ver que os outros colegas estão calados e quietos.

Com dois anitos apenas não se pode esperar outra coisa do Luisito!

Durante o dia, e nas horas do trabalho, está na rouparia com as senhoras — onde brinca. Nos tempos livres há sempre quem ande com ele ao colo e quem lhe dê mimos.

Não é capaz de estar separado do irmão e, se o separarem, chora logo. Só quer o irmão, que corresponde, brincando com ele e acompanhando-o a maior parte do dia.

**PEDIDO** — A nossa carpintaria tem tido muito trabalho, ultimamente, com esta andança das obras.

Com a ideia da remodelação das casas 3 quase a concretizar-se, é preciso tomear uns pauz para as novas camas. Apesar de dar muito trabalho é útil na medida em que os carpinteiros aprenderão mais alguma coisa da arte. É essa a função da nossa carpintaria.

Acontece que temos um torno para madeira já com uns bons anos de uso. Por ele muitos carpinteiros saídos da nossa Casa aprenderam a tomear e a fazer coisas bonitas e com um certo gosto!

Queremos dizer que estamos com ideias de adquirir outro torno, em condições para trabalhar mais uns pares de anos.

Com o aparecimento de novas técnicas, já foram postos no mercado tornos para madeira muito completos e claro que as carpintarias que os adquiriram encostaram o velho. É mesmo desse velho que nós precisamos!

Também há gente que faz desses trabalhos em sua própria casa e, por isso, se tiverem algum podem dizer para o irmos buscar.

Necessitamos de um torno de madeira e antes de comprá-lo quereríamos saber se porventura nos apareceria algum de qualquer Amigo disposto a ajudar-nos.

Em nome dos carpinteiros, obrigado!

**FESTAS** — Está em estudo o calendário de Festas para este ano. Falta,

sómente, confirmar as datas em poucas localidades.

As pessoas que nos visitam perguntam quando é a Festa nas respectivas localidades. Nós não temos podido responder, pois ainda não sabemos.

Agora, já podemos afirmar que, este ano, há Festa!

Os ensaios têm sido cansativos. São os sábados e os domingos. Os nossos músicos, sempre prontos a ajudar-nos, com sacrifício é claro, mas com muita boa vontade, isso é que é importante.

Nos ensaios, o que mais tem dado que fazer são os números dos «Batatinhas», prato-forte das nossas Festas. Como são pequenos, mais dificuldade têm a encaixar os papéis. São dias e dias seguidos de recreio perdidos em prol dos ensaios dos números dos «Batatinhas»!

Um trabalho que não foi em vão, tendo em linha de conta o bom acolhimento proporcionado pelos nossos amigos.

Nesta altura a Festa está pronta a arrancar, mas não vai ser com facilidade já que quase todos do elenco são estudantes nocturnos, telescolistas e primários. São Festas que se hão-de fazer, na medida do possível, nos fins de semana, já que os dias úteis estão todos ocupados.

Mesmo assim, a Festa está de mala pronta para a primeira saída, que será em breve.

Contamos convosco, como sempre.

**«O CALVÁRIO»** — Chegou da Encadernação o livro «Calvário».

De salientar que foi impresso na nossa tipografia e na máquina «offset». Se porventura os nossos Amigos descobrirem falhas, não se admirem, pois não temos ainda técnicos...

O livro chegou e está a ser embalado para os nossos Amigos o receberem logo que possível.

«Marcelino»

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

**POBRES** — Muitos problemas vêm parar à mão dos vicentinos! Então no que se refere ao Seguro Social, a gente não tem mãos a medir. São viúvas que precisam de cumprir formalidades para obter pensão de sobrevivência; trabalhadores que requerem pensão de reforma; ausência de abonos de família por impasses burocráticos; contenciosos de quem trabalhou anos sob a alçada de departamentos públicos e, no fim da vida, porque não descontavam especificamente para a pensão de reforma ou por outros motivos, estão sem ela, andam de Anás para Caifás, ninguém decide, são quase marginalizados pelas complexas malhas burocráticas. E mais e mais...

Neste calvário — e não só — a gente procura enxugar lágrimas e suprir injustiças.

Iamos seguindo este filme pela mente, quando deparamos se Zé naquelas voltas domingueiras que, para ele —

um ressuscitado! — são de acção de graças. Já não se queixa da perna (a ferida ainda não curou...) nem de nada. Parece que rejuvenesceu!

— Q'anda a fazer?!

— Agradecer à Senhor todas estas maravilhas, tudo o que o senhor Padre Américo fez...

Não vamos abrir o livro. Não! Foram largos minutos de Teologia, técnico ou estímulo que só os Pobres são capazes de dar sem rendilhados, sem poesia. Só eles, os preferidos do Mestre.

Pai Américo ouviu. Conversou conosco. Matámos saudades!

**PARTILHA** — «Mãe dum assinante», de Lisboa, manda 100\$00. «A mi-gulhinha habitual», de 100\$00, pela mão da assinante 11162, do Porto. Mais 100\$00 d'algueres, «em memória do meu querido Pai, que faz 16 anos que morreu no dia 22 de Fevereiro». Velho Amigo, do Fundão, com 300\$00: «mensalidade de Janeiro». Assinante 33058: recebido. Assinante do Seixal, «com saudações fraternas», envia a «partilha mensal com a fraternidade de sempre e a inquietação que a pergunta da Bíblia nos está sempre a fazer: — «O que fizeste de teu irmão?»

Do casal assinante 17022, que nunca falha: 200\$00. Rua Cardoso Avelino, Lamego, 50\$00. Covilhã dez vezes mais, pedindo uma oração «por alma de meu Pai que faleceu há quase um ano». 200\$00 de «Uma amiga do Algueirão». Amigo da Nazaré, o mesmo. Idem de «uma portuense qualquer», trazendo a «primeira contribuição deste ano para a Conferência Vicentina, pedindo ao Senhor conceda a graça de poder trabalhar para continuar fiel ao compromisso que tomei de enviar mensalmente uma ajudazita para os vossos Pobres.» Idem, de Silvalde (Espinho), 100\$00 de Ana, da Guarda. O mesmo de Vale de Matos, com uma legenda habitual: «Peço sempre o favor do anonimato».

Vila Nova de Gaia, 200\$00. Beatriz, de Lisboa, «envia a pequena importância» de 500\$00. «Velha amiga» de Lisboa com 100\$00 e um desabafo: «Desculpem não mandar mais alguma coisa. A vida está cada vez mais cara. Mas sou reformada e, infelizmente, não é só para aí que envio a minha pequena ajuda».

Assinante 30746, de Oeiras, com o remanescente do pagamento da assinatura de O GAIATO: 500\$00. «É muito pouco, eu sei, mas é oferecido com todo o meu coração».

Mais 100\$00 de Quitéria para «uma viúva já velhinha que teve filhos ou os tem e não se importam dela». Oh que presença tão oportuna! Por fim, 200\$00 da rua da Lapa — Lisboa.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## Do que nós necessitamos

A extensa lista de ofertas que anotamos, são delas chegadas pela quadra natalícia até ao presente.

De Cassiano Gouveia, L.da, 5 volumes com variadas e apreciadas guloseimas. 500\$ de Santarém. Pela mão do Pároco de Alfena, 2.000\$. Anónimo da Rua da Firmeza, com 200\$. Oferta de 250\$, de alguém. Dum visitante, 200\$. Por intermédio do Pároco de Mafamude, 230\$ duma sua paroquiana. 4.000\$ de Lisboa. De Condeixa e em agradecimento a S. Pedro, por uma graça recebida, 200\$. De Oliveira do Douro, 550\$. Da «Mãe que crê em Deus», a presença de 300\$. Mais donativos entregues no Lar do Porto, somam 900\$. Mais 1.000\$ de Lisboa. Das costureiras do Hospital de Santo António, em papéis embrulhadinhos com o seu recado, na saquinha do costume e muita amizade, moedas que somaram 2.860\$. Ass. do Porto, com 100\$ e 600\$, lembrando a memória de Laura de Almeida. Maria Angelina com 250\$ e «como a minha pirâmide sois vós, envio esta pequena lembrança, pedindo uma Avé-Maria». Do Centro de Línguas de Santarém, cheque de 1.000\$ e estas linhas:

«Juntamos um cheque de 1.000\$. Destes 1.000\$, 650\$ foram-nos entregues por uma nossa professora de Inglês, do Instituto de Tomar, que juntou este dinheiro com as pequenas multas que os alunos pagam quando falam português, na aula de inglês, e eles sabem que esse dinheiro iria ser destinado à Casa do Gaiato. O resto enviamos nós. Desejamos um Feliz Natal.»

Trezentos escudos «em sufrágio da alma de um tio bondoso e inesquecível. Peço uma Missa. De uma sobrinha eternamente grata». A mensalidade em selos de correio que nos vem da Amadora. Dos funcionários da Direcção-Geral da Marinha do Comércio, 630\$. Dumas meninas da Rua de Santa Teresa, 200\$. Vila Moreira com 3.000\$. Os habituais 70\$ de Clara e José Flores. Os costumados 700\$ de Ermesinde, enviados mensalmente. Duas amigas com 150\$. Mais 1.610\$ do Pessoal da Fábrica de Fiação e Tecidos do Jacinto. De Braga, «uma amiga de 20 anos» com estas linhas: «Junto envio 9.000\$ correspondentes ao meu 1.º ordenado como professora de Educação Musical. Não é muito, mas é o que posso oferecer à Casa do Gaiato que aprendi a amar desde pequena através do meu querido avô».

«Uma mãe do Porto», com 500\$. Mais 300\$ do Porto. Dez pares de calças de Benedito Barros, L.da. A presença anual da Fábrica de Malhas Silveiras. 600\$ de Madalena — Gaia. Duma senhora de 81 anos, com muito carinho, 500\$. «Família da Constituição» com 1.100\$. Das amigas do Bairro da Pasteleira, pelas mãos da recoveira habitual, 1.320\$. Da Rua Alfe-

res Malheiro, 130\$. Pelas almas de João de Sousa e Lídia, 500\$ do Porto. De uma graça recebida, 500\$. E 3 camisolas e 500\$, de «Uma pensionista de Gaia». Da Sociedade de Electricidade Brown Boveri, L.da, 4.112\$50, provenientes da confraternização dos colaboradores dessa Sociedade. Mais 800\$ da Drogeria Oliveira. E cheque de 5.000\$ de médico amigo, que ainda faz o favor de atender os nossos Rapazes, quando necessitados de oftalmologista.

Mil escudos de Maria Elisa, pedindo oração. Donativo de 2 contos, da Electricidade de Portugal — Zona de Distribuição — Freixo. Assinante da Foz do Douro, 1.000\$. Encomenda de Fafe. Mais delas de Bairro (Minho). 700\$ por alma de Gracinda. Maria Arminda com 1.000\$. Roupas de Alcobaça. De graças obtidas, 100\$ de Guimarães, 1.120\$ de Lousada, 875\$ de Aveiro, 100\$ de Sobreira e 1.300\$ dos Carvalhos. E 200\$ por alma de Emílio Carvalho. 2.000\$ a dividir pelo Calvário, «duma Rosinha de Avintes». De uma professora primária aposentada 4.000\$. Em acção de graças por êxito de exame difícil, 200\$. Anónimo da Corujeira, 1.000\$. Os empregados dos vários departamentos da Sede do Banco Borges & Irmão, com a lembrança de 11.150\$.

Cheque de 3.100\$ de Ferreira do Alentejo. «É pouco mas é dado com amor. Tinha pensado em deixar escrito para depois da minha morte enviarem esta quantia pela minha alma, para as vossas Obras, mas depois achei que o que está feito, ganha ao que está por fazer. Além disso quando se pensa em dar, quanto mais depressa melhor pois as obras de Deus não devem esperar.»

Da Fábrica de Chocolates Regina, mimos apetitosos para a Festa do Natal. Em cumprimento duma promessa, cheque de 20 contos. Encomenda de roupas de Viseu. Mais uma mala com roupas de criança, de Alferrarede. 6.000\$ de Paços de Brandão. Maria Alice com 100\$. De Valadares, o silêncio de sempre e envelope com 700\$. Da União dos Tarcísios do Porto, 500\$. Da Firma Augusto Guimarães, 2.000\$ em memória do sócio fundador. De Tondela, entregue pelo nosso «Salsichas», 1.700\$. Anónima de Ferrel com 5.000\$. De Fátima, 2.000\$ e estas linhas: «Fiz nestes últimos tempos diversos jejuns. Não fumei, andei mais a pé, fiz alguma dieta forçada, suspendi a bagaceira depois do café e aqui está o produto de um pouco de sacrifício feito com um sorriso de dever cumprido».

Assinante de Macau com 77,18 dólares, fazendo questão que digamos que também lá temos amigos. E O GAIATO vai-se espalhando por todo o mundo! Mais 1.000\$ do Pessoal da Marcotex. Anónima de Espinho com 200\$. Um pacote com retalhos da Conferência de S. Vicente de Paulo de San-

to António do Carmo. Mais 500\$, parte dum primeiro ordenado. De Fânzeres, roupas e «migalhinhas» que somam 270\$. Ass. 30730 com cheque de 6 contos. E cá ficamos a aguardar sua visita. Do departamento de Pilotagem do Douro e Leixões, 1.000\$. Duma «recoveira» de Campanhã, migalhas que somaram 2.855\$ e guloseimas que, com muito carinho, nos veio trazer. Cheque de 15 contos, de Lisboa. E a habitual caixa com 12 garrafas de vinho do Porto, de Poças Júnior. Ass. 6440 com 500\$. De um grupo de professoras da Escola de Baguim — Rio Tinto, vestuário, guloseimas e 2.000\$.

E a simpatia do Pessoal da CINCA, que nos visitou, com 10.220\$ e o mais que nos deixaram. Mais 600\$ de Braga, da Ass. 16264. E 500\$ e roupas de Seia, vestuário da Suíça e embrulhos com cobertores, entregues no Lar do Porto e o mais que lá vai ter. Professora em serviço numa das nossas escolas, com a lembrança de 5 contos. Da Reitoria do Santuário de Nossa Senhora de Fátima, cheque de 20.000\$. «O que vós precisais é de muito «pingo». Ai vai para o monte.» Esta legenda acompanhava uma nota de 100\$. Do Porto, a Empresa Industrial do Ouro com 750\$. Da Comunidade das Irmãs Concepcionistas de Mira de Aire, 3.000\$. Fardo com cobertores da SOTEX. «A promessa que a minha gratidão não esquece» com 200\$. «Uma portuense qualquer» com 1.000\$ do subsídio de Natal. Mais 1.000\$ de Vinhais, em louvor do Menino Jesus de Praga, por uma graça concedida.

De Gaia, Amigo que nos for-

nece materiais de betão pré-esforçado, com cheque de 10 contos. 500\$ do Porto. 4.000\$ da Ass. 29921. Amigo da Régua, com 2 caixas de vinho do Porto. 2.000\$ de Estarreja. Mais 232\$ de Aveiro. L. R. com 200\$. Pelas mãos do Pároco da Senhora da Conceição, 1.000\$ dum seu paroquiano. No 56.º aniversário da firma Polónio Basto & C.ª L.da, 500\$. De donativos entregues a P.e Abel, 4.010\$. Mais 300\$ do Porto. De ao pé da porta 500\$ de quem pede orações por um filho doente. Por intermédio de um sacerdote da Guarda, 200\$ mais 200\$. Da Tabacaria Lusa, 2.300\$, importância lançada no cofre-mealheiro, existente nesse estabelecimento. De Vilar Formoso, vestuário e 2 vales de correio de 1.100\$ e 1.300\$. Do pessoal de escritório do Corte Inglês, 500\$. Cheque de 5 contos, da Minerolusa e muita delicadeza no seu envio. Ora vejamos:

«Gostaríamos de vos poder expressar quanto admiramos o vosso trabalho. A pequena lembrança que juntamos está na razão inversa do nosso apreço. Ficamos-vos muito gratos por a aceitarem.»

De algures, 3.000\$, «por ordem duma empregada muito antiga da nossa casa». Mais 300\$ da Figueira da Foz. 500\$ de «uma portuense». A presença de «uma Mãe agradecida de Matosinhos», com calçado e 200\$ por duas vezes, lembrando o seu filho Rogério. E informamos que temos recebido. Da Comissão do Núcleo de Nossa Senhora Auxiliadora do Mercado do Bom Sucesso, 5.000\$. Ass. 14969, com 100 francos duma senhora amiga. De Miragaia, 1.017\$50 numa festa de Natal, com bailarico e tudo! Donativos entregues no Lar, de 350\$ e 1.000\$. Assinante de

Santos — Brasil, com 2.000\$. Pelas almas de Alice e Adriano, 100\$. Por alma de Joaquim António, 1.000\$. Grupos de Funcionários do INATEL — Lisboa, com 1.200\$. «Junto 3.000\$, que acrescentando aos enviados perfaz a quantia de 33 contos; idade de Jesus, por coincidência.» Vem do Porto esta presença perseverante.

«Um casal que foi jovem e que desde sempre admirou a obra realizada, agora já idoso — e como vem sendo hábito — aqui está a deixar a sua lembrança.» E foram 8 contos entregues ao nosso «Eusébio». Das Construções Alexandre Ferreira e Filhos, 500\$. Cheque de 2.000\$ de Gaia. Da D. Rosinha, as presenças sempre habituais. Funcionários da Marinha Mercante, com 446\$50 e 497\$. Da Sociedade de Cristais, a oferta de 300\$. Um anónimo de Serzedo, com 500\$. Mais 2.700\$ do pessoal fabril da Sociedade Industrial de Malhas Férpos. 1.150\$ do Entroncamento. A porta do Lar, 5 contos. «De um velho amigo», cheque de 10 contos. A presença mensal da Figueira da Foz. Desta vez vieram 500\$. E uma carta para finalizar:

«Os trabalhadores da filial da Caixa Geral de Depósitos em Castelo Branco, sensibilizados pela leitura de um artigo inserido no último número de O GAIATO, em que alguns miúdos falavam do que gostariam que o Menino Jesus lhes desse, resolveram cotizar-se para, de algum modo, serem parte do «Menino Jesus» desses meninos.»

Por tanta delicadeza, tanto carinho, tanta amizade e muito amor, sentimo-nos pequeninos perante vós. Deus seja louvado!

Manuel Pinto

## CRIANÇAS DEFICIENTES MENTAIS

Cont. da 1.ª pág.

na situação de quem o deseja ouvir, de quem dele precisa, de quem dele tem necessidade, o poderemos verdadeiramente ajudar. É uma maneira de o amar. Aquele que ama «tudo espera, tudo aceita, tudo suporta». Aparecer-lhe superiormente com a ajuda na mão é mantê-lo em degrau inferior. Proceder de modo contrário é incutir-lhe confiança, é dar-lhe segurança, é provar-lhe que o amamos de modo muito alto. Amar é precisar dele.

Amar é partilhar com ele as suas alegrias mais simples.

Mas se é preciso integrarmos-nos no seu mundo, para lhe incutir confiança e lhe mostrar afecto, é necessário que ele se integre no mundo real para ganhar confiança em si próprio.

Contudo o mundo das crianças e dos jovens normais fá-lo perder-se, que o seu passo é mais lento. O mundo dos adul-

tos é-lhe pouco acessível porque complicado e difícil. O próprio mundo urbano é-lhe perturbador, porque rígido e frio. Há contudo um outro mundo. É o mundo da Natureza.

Esta tem uma pedagogia simples e intuitiva. É-lhe pois fácil entrar no seu ritmo e entender a sua pedagogia. Nós vimos da terra e continuamos a vir dela. O nosso sangue — a nossa vida — é continuamente assumido da terra. Nós transformamos a terra em vida. E por consequência, há qualquer coisa em nós que exige este contacto. Mas nós andamos normalmente contra natura: a Natureza descansa de Inverno; nós descansamos habitualmente de Verão...

O contacto com o mundo vegetal que se entende sem raciocinar; o contacto com o mundo animal que se percebe sem dificuldades — situa-o mais facilmente no mundo real. Tenho verificado que os deficien-

tes mentais em contacto com os animais que dominam sentem-se superiores a eles, sentem-se perto deles. Não precisam de palavras para comunicar.

Quantos beijos não tenho visto eles darem aos vitelos recém-nascidos! Quantas carícias não tenho eu visto eles fazerem aos bois com os quais lidam! Quantos grilos eles não guardam em gaiolas para depois os alimentarem e com eles conviverem alegremente! Quantas hortas...

Em conclusão: eu direi que o modo de ajudar estas crianças carecidas de afecto é-nos ditado por elas próprias.

Precisamos de estar muito atentos e disponíveis; e ao mesmo tempo prontos a facilitar-lhes o contacto habitual com a Natureza para que entrem no seu ritmo e deste modo se compensem das lacunas a que a sociedade as sujeita.

Padre Baptista

# «Vendemos os ovos e compramos omoletas!»

Nunca nos convencemos de que seja economicamente inviável, em nosso País, a produção de papel de jornal, por razões fundamentais: a vastíssima riqueza florestal (de onde extraímos, para exportação, milhões de contos de pasta de celulose); a existência de técnicos qualificados, etc.

Ainda não há muito tempo, baseado nestes dados, interpellámos responsáveis. O mais categorizado endossou a bola à defesa: «Que não temos mercado consumidor para a produção (Os países produtores só fabricam para consumo próprio?). Que as florestas estão a ser devastadas (Há ou não planos de repovoamento?). Que é melhor vender a pasta do que produzir papel. E mais, segundo as conveniências político-económicas. Poeira para tapar os olhos! E diálogo fechado à moda da ti Micas: — «Vendemos os ovos e compramos omoletas!...»

Até agora, porém, o papel que os jornais consomem (n' O GAIATO 13 toneladas anuais) escasseia no mercado. É adquirido com tremenda dificuldade! Seja produzido artesanalmente no País (com rendibilidade) ou, então, a maior parte, comprado a empresas que o importam de países nórdicos (para onde, aliás, também exportamos pasta de celulose...) com sangria de divisas.

«Vendemos os ovos e compramos omoletas!...»

Ora, deparamos com oportuna entrevista, a um técnico qualificado, recentemente publicada em revista comemorativa dos 25 anos da Celulose de Cacia. Ele não tem papas na língua e afirma: «Impõe-se que se volte a produzir papel de jornal em nosso País». Lemos avidamente o recorte, extraído da Imprensa diária:

«Interrogado sobre a viabilidade ou não do fabrico de papel de jornal no nosso País, o administrador da «Inapa» diria:

«Pois não é verdade que já aconteceu há mais de 20 anos? E que sem ser uma actividade altamente rendosa, acabava por se equilibrar economicamente quando não estava sujeita a pressões de «dumping» ou preços artificiais? Impõe-se que a actual situação de dependência exclusiva do estrangeiro seja modificada e que volte a produzir-se em Portugal papel de jornal.»

«Considerado pela revista dos 25 anos da Celulose de Cacia — numa introdução da autoria do director do Centro de Produção Fabril de Cacia da «Portucel» — como «o técnico mais qualificado, zeloso, dedicado, dinâmico e criativo de toda a equipa da Fábrica de Papel de Cacia», o administrador da «Inapa» declarou ainda:

«Não é possível instalar unidades de viabilidade económica à escala internacional de 150.000 t. de produção anual que equivalem a 4 ou 5 vezes o consumo nacional? Não dispomos de matérias-primas clássicas que originam produtos de alta qualidade? Haverá escassez de energia eléctrica a preços adequados? Não é viável um investimento da ordem dos 2,5 milhões de contos para dispor de uma fábrica ao estilo moderno desde a entrada da madeira à saída do papel?»

«Talvez todas estas interrogações tenham resposta negativa. Talvez, mas cabe ainda no domínio das realidades pensar em soluções mais de acordo com a nossa dimensão e capacidade técnica», afirma o administrador da «Inapa», que acentuou que «para produzir 40 a 50.000 t. de papel de jornal não é necessário um investimento de 2,5 milhões de contos, nem equipamento altamente sofisticado da última geração, nem utilizar exclusivamente pasta de abeto nórdico. Haverá talvez soluções técnicas, e até económicas, que se adaptem melhor à realidade do nosso País. Para as encontrar e concretizar é necessário, no entanto, boa vontade, espírito de iniciativa e sacrifício de interesses pessoais em favor do bem geral do País.» (O sublinhado é nosso.)

Eis a linha de rumo!

Júlio Mendes

## LAR OPERÁRIO EM LAMEGO

Não, desta vez não é do Lar que falo. Outras urgências me motivam.

Creio já ter dito que, entre várias ocupações, estou encarregado duma pequena povoação, Samodães, com 100 famílias. É uma localidade desprovida de tudo, seja qual for o aspecto que se encare.

Ultimamente consegui que fosse lá um barbeiro, pois têm de andar 20 quilómetros com crianças, às vezes ao colo, para cortar os cabelos. O mesmo acontece às pessoas de idade. Isto só para verem, num aspecto relativamente secundário, o atraso de vida.

Tenho-me preocupado com as crianças entre os 3 e os 6 anos, visto o abandono ser total, acarretando as consequências próprias desta incuria. Es-

## O livro «CALVÁRIO» está na rua

Por dificuldades de vária ordem (que se topam) na impressão da obra, só agora foi possível efectuar o lançamento de «O CALVÁRIO».

Serviu de primeira grande aula de formação «offsetista» dos nossos gráficos...

A impressão tem imperfeições, sim, mas elas não diminuem o valor do conteúdo da obra, que muito inquietará os leitores.

O primeiro grupo está ocupado na expedição do livro. Uns revestem-no de cartão canelado. Outros enfiaram um postal RSF para quem esteja motivado em obras da nossa Editorial. Ainda outros, introduzem a brochura na embalagem. É um trabalho que entusiasma o grupo dos mais pequenos, como o «Faneca» (chefe de fila), o Agostinho, o Ferreirinha, etc.

«O CALVÁRIO» está na rua e vai inquietar muita gente. Lá isso vai!

Júlio Mendes

## Setúbal

Cont. da 1.ª pág.

... de incapacidade, abandono ou indignidade e favorece francamente a adopção, situando-a num ponto razoável de humanidade, é também verdade que descremos da rapidez e, por isso, muitas vezes, da eficácia das sentenças judiciais. Elas andam ordinariamente como o carro à frente dos bois.

Mesmo assim é um passo andado e se todos empurrássemos o carro, ele teria possibilidade de andar.

Deveriam ser divulgadas, por forma a chegarem ao conhecimento de todos os adultos, as leis que protegem a criança abandonada e as soluções encontradas. Um facto se torna cada vez mais conflagrador: cresce o número destas crianças e paralelamente aumenta também o número de casais que as desejariam adoptar.

Está aí um campo enorme aberto à assistência oficial: detectar as situações de abandono ou marginalização das crianças; pôr imediatamente os problemas ao Ministério Público e exigir deste a urgência que cada caso reclama. Tenho mais de vinte casais à espera. Alguns já desesperam. Dizem-me que na Misericórdia de Lisboa as inscrições de casais ultrapassam várias centenas.

Precisamos de um autêntico serviço nacional de vigilância ou mesmo de policiamento. As crianças reclamam-no. As assistentes sociais, como funcionárias públicas, mais facilmente suportariam o odioso que determinadas situações poderiam acarretar sendo elas as encarregadas de levarem aos Tribunais a violação dos direitos fundamentais dos inocentes.

Padre Acílio

## Os DIREITOS da CRIANÇA

Cont. da 1.ª pág.

ris de uma linha pode arrogar-se superioridade se são paralelos? Paralelas são as vidas do Homem. Encontram-se no infinito que Deus é. Paralelas, mas diversas. A diversidade deve significar e produzir complementaridade, riqueza e aperfeiçoamento do Mundo que o Homem é chamado a construir. A concorrência no infinito há-de traduzir-se em concurso ao longo do caminho na busca de um Bem-comum sempre melhor. Não é a concorrência-rivalidade, a concorrência-eliminatória. Todos os homens são precisos e têm o seu dom para o bem de todos. A Felicidade eterna é o ponto de tangência para que deve convergir a linha do esforço descrita por cada homem na procura sincera da felicidade temporal para todos os homens. Sem este olhar para o infinito, jamais os homens deixarão de toldar as suas vistas e de sofrer a tortura de quem segue na estrada de olhos fixos nas árvores que a ladeiam. Por que assim é, desgraçadamente, em vez de um mundo de irmãos, vivemos num mundo de discriminações, onde nas-

Padre Carlos

cem e crescem e abrem os olhos para a vida as crianças, e se vão contaminando dos falsos conceitos e dos comportamentos errados que, em adultos, virão a reproduzir, talvez mais corrompidos ainda, de tal sorte que a cooperação entre os homens e a paz entre as nações parece cada vez mais uma utopia. Porque progride a civilização em ciência e técnica e os homens não são mais felizes? É uma interrogação inquietante, que mais tem conduzido a estados colectivos de desespero do que a uma resposta autêntica, eficaz de um gosto de viver, da consciência do valor de viver, ao alcance só dos que têm Fé.

Tão depressa perdemos nossos olhos de criança! Rehavê-los, será um grande serviço de cada geração às crianças do seu tempo, em vista de gerações adultas mais sadias, mais puras, mais capazes de progredir na melhoria incessante de um mundo que Deus pôs nas nossas mãos para nele irmos realizando a felicidade, caminho homogéneo da sua meta: a Felicidade.

tou a pensar numa sala onde elas se possam juntar, com alguém que as ampare enquanto as mães trabalham. Preciso de ajuda. Já aqui tenho 1.000\$ que me deram para O GAIATO, mas presumo licença e fico com eles para o «arranque». Mas para que chegam mil escudos?! Nem para arrancar de empurrão! Quem me dá mais uns po-zinhos?...

Por hoje é só isto.

Padre Duarte

## FESTAS

Aproximam-se as datas em que marcaremos encontro com os nossos Amigos espalhados por diversas povoações, amigos que não faltam ao convívio que são as nossas Festas.

Algumas terras podem já contar como certa a nossa presença. De algumas me lembro neste momento: Porto, Aveiro, Famalicão, Espinho, Arrifana, Braga, Amarante, Lamego, Moñção...

Queríamos que as nossas Festas tivessem por base a alegria de um encontro de Amigos. Elas não são um espectáculo, mas uma ocasião de sentirmos a amizade de tantos que não deixarão de estar presentes.

Estamos agora tratando de marcar as datas com as salas que nos irão receber. Contamos, no próximo jornal, apresentar o calendário. Entretanto, aqui fica esta palavra de esperança.

Como muitas vezes temos dito, o amparo humano daqueles que estão connosco e que são forte rectguarda de apoio, é algo que muito conta para nós. Assim, é com satisfação que podemos dizer a muitos dos nossos leitores: — Até breve.

Padre Abel



Director: Padre Carlos

Chefe de Redacção: Júlio Mendes

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285  
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa